

**LITERATURAS E
ESCRITAS DA
IMPrensa**

**Brasil/França,
Século XIX**

**LÚCIA GRANJA
LISE ANDRIES
(ORGANIZADORAS)**

**LITTERATURAS E
ESCRITAS DA
IMPRENSA**
**Brasil/França,
Século XIX**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Literaturas e escritas da imprensa : Brasil/França : Século XIX / Lúcia Granja, Lise Andries (organizadoras) . – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015.
Coleção: História de Leitura.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7891-293-5

1. Imprensa - Brasil 2. Imprensa – França 3. Jornalismo 4. Literatura I. Granja, Lúcia. II. Andries, Lise. III. Série

15-00233

CDD-070

Índices para catálogo sistemático:

Tradução: Coordenação de tradução e revisão das traduções de Lúcia Granja
Tradução dos artigos: André Caparelli, Douglas Ricardo Hermínio Reis, Ellen de Oliveira,
Lúcia Granja, Marcela de Araújo Pinto, Priscila Renata Gimenez e Valéria Guimarães.
capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JANEIRO/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Agradecemos à Fapesp, que financiou a maior parte do colóquio “Literaturas e escritas da Imprensa, Brasil/França: 1800-1930”, início desse livro.

Agradecemos ainda, pelos vários bilhetes de avião concedidos aos franceses, ao Cellf – Centre d’Étude de la Langue et de la Littérature Françaises des XVIIe et XVIIIe siècles de l’Université Paris-Sorbonne, ao CNRS, ao Commissariat de l’Année de la France au Brésil, à l’Institut de France e à Fondation Maison des Sciences de L’Homme; ao Programa de apoio a vinda de pesquisadores Estrangeiros da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp, agradecemos pelo bilhete/estadia do Prof. Dominique Kalifa

Lúcia Granja agradece a todos os alunos do programa de pós-graduação em Letras da Unesp – São José do Rio Preto que trabalharam e ajudaram na organização do colóquio; especialmente a Priscila Gimenez, Douglas Reis e André Caparelli, agradece pela ajuda na revisão dos textos; ao Programme Hermes, da Fondation Maison des Sciences de L’Homme, agradece pela bolsa de pós-doutorado (fevereiro a julho de 2008), pois foi naquela ocasião que tomou contato com os estudiosos franceses da imprensa.

Lise Andries agradece especialmente a Dominique Fournier da Fondation Maison des Sciences de L’Homme, que colocou as duas organizadoras deste trabalho em contato, apoiou desde o início o projeto de colóquio e contribuiu com sua realização.

SUMÁRIO

Introdução

O FOLHETINISTA E O COLIBRI. ESCRITAS DO JORNAL
E DA LITERATURA, FRANÇA-BRASIL, SÉCULO XIX11
Lise Andries e Lúcia Granja

FRANÇA E BRASIL, SÉCULO XIX: REFLEXÕES

A FRANÇA EM NOSSO CAMINHO CULTURAL25
Gilberto Pinheiro Passos

BRASIL/FRANÇA: CRÔNICA E TRANSFERÊNCIA CULTURAL

PRIMEIROS QUADROS PARISIENSES39
Lise Andries

ESCREVER FOLHETINS E CONTINUAR BRASILEIRO
É REALMENTE DIFÍCIL? O FOLHETIM DE CRÔNICA
PARISIENSE COMO MATRIZ DO JORNALISMO LITERÁRIO
NO SÉCULO XIX57
Marie-Ève Thérenty

NAS TRILHAS DA CRÔNICA: LITERATURA E IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	73
Jefferson Cano	

O FOLHETIM E A CRÔNICA NA FRANÇA E NO BRASIL: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO MIDIÁTICA EM MEADOS DO SÉCULO XIX.	107
André Caparelli	

TRANSFERÊNCIAS DO ROMANCE-FOLHETIM: POR UMA POÉTICA DA LITERATURA NOS JORNAIS BRASILEIROS DO XIX.	131
Lúcia Granja	

PERIODISMO FRANCÊS E LEITORES BRASILEIROS: UM ESTUDO DE CASO	145
Katia Aily Franco Camargo	

OS GRANDES GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O RETRATO NA IMPRENSA, UM GÊNERO PLÁSTICO. O EXEMPLO DE ÉMILE ZOLA	173
Adeline Wrona	

O VÍCIO CHIC – OS <i>FAITS-DIVERS</i> E AS REPRESENTAÇÕES DO BAS-FOND NA <i>BELLE ÉPOQUE</i> BRASILEIRA	189
Valéria Guimarães	

ENQUETES SOCIAIS E A LITERATURA DOS BAS-FONDS NOS ANOS DE 1920	215
Dominique Kalifa	

JORNAIS, NARRATIVAS E MUITO BARULHO: OS “LIVROS PARA O POVO” NA IMPRENSA CARIOCA DO SÉCULO XIX	231
Alessandra El Far	

A PALAVRA E A IMAGEM NO <i>LE PÈRE PEINARD</i>	247
Vera Maria Chalmers	

POÉTICA DO JORNAL E SOCIABILIDADES

MODERNIDADE POÉTICA E CULTURA MIDIÁTICA NO SÉCULO XIX	277
Alain Vaillant	

USOS E PRÁTICAS DOS GÊNEROS NA ESCRITA JORNALÍSTICA DO SÉCULO XIX	287
Corinne Saminadayar-Perrin	

UMA ESCRITURA POLÊMICA: IMPRENSA E ESPAÇO PÚBLICO NO FEMININO	309
Catherine Nesci	

JORNAL E SOCIABILIDADE NO SÉCULO XIX.	327
Guillaume Pinson	

Introdução

**O FOLHETINISTA E O COLIBRI.
ESCRITAS DO JORNAL E DA LITERATURA,
FRANÇA-BRASIL, SÉCULO XIX**

Lise Andries

Lúcia Ganja

Duas *comunidades* que se imaginam como nações, no século XIX. Dois mundos que se unem por trocas e afinidades. Dois universos textuais: França e Brasil, Literatura e Jornalismo. São essas relações que dão forma às reflexões apresentadas pelos pesquisadores cujos textos estão aqui reunidos para discutir as leituras e escritas da imprensa nos dois países.

Se este livro acrescenta algo de original aos debates a respeito da relação entre Literatura e Jornalismo, podemos dizer que isso se deve a um *parti pris* comum às ideias desenvolvidas em cada uma das pesquisas aqui reunidas, a de que a presença da literatura nos jornais do XIX criou novos contornos para ela, ao mesmo tempo em que ajudou a constituir o universo textual dos periódicos. Em contato com os outros textos do veículo jornal, antigos gêneros literários adaptaram-se e conformaram-se às folhas cotidianas; outros foram criados, reinventados instalando-se, principalmente, no terço inferior da primeira página do periódico, espaço do folhetim. Na via de mão dupla das folhas cotidianas, os gêneros literários também participaram da conformação dos textos que ocuparam as seções de informação, expressão do nascente espaço público, o alto da

página. Parece-nos que, em um mundo cada vez mais ligado por sistemas de comunicação e de transporte, essa circularidade de formas na página de papel representa metonimicamente as relações culturais mundiais, com destaque para aquelas entre dois países, como França e Brasil.

Em um segundo momento, se este livro pode ainda contribuir com a discussão acadêmica brasileira – onde sai agora –, a respeito das aproximações França-Brasil, pretende fazê-lo a partir da perspectiva de que a França ocupou o lugar de modelo de civilização para o Brasil do XIX, apontando, porém, que a ligação entre os dois países extrapola a história das relações “centro-periferia”. Tendo desenvolvido às margens oeste do Atlântico um universo cultural como o jornal, apreciamos a imprensa francesa, mas o que nos coloca próximos de seus textos é o processo de desenvolvimento das formas em si, e não a cópia: se os romances brasileiros, por exemplo, se criaram a partir da ética do romance europeu, eles foram, ao mesmo tempo, desenvolvidos sob a regência dos mecanismos internos do suporte jornal, à brasileira; o mesmo em relação à crônica, de que tratamos tanto aqui. Sair da ideia da “influência” é substituir o olhar nacionalista do XIX pela análise da lógica midiática globalizada do bem cultural, o jornal, como indicam os textos aqui reunidos.

Tendo escolhido estudar a escrita do jornal conjuntamente à da literatura na França e no Brasil dos anos 1800-1930, quisemos enfatizar dois fenômenos que nos pareceram igualmente importantes: em primeiro lugar, o século XIX correspondeu a uma idade de ouro da imprensa, como uma obra recentemente publicada na França acabou de demonstrar (Kalifa, Régnier, Thérenty e Vaillant 2011); por outro lado, esse estado da imprensa franqueou fronteiras e se tornou um fenômeno comum a todo o mundo ocidental. No entanto, a respeito das relações entre a França e o Brasil nessa área, devem-se considerar algumas nuances. No Brasil, o analfabetismo da maioria da população impediu o jornal de se tornar o meio de comunicação de massa que ele foi na França, a partir de 1860; paradoxalmente o prestígio da cultura francesa, e em especial de Paris, entre as elites brasileiras, resultou na assimilação dos modelos que nos chegavam da França (jornais, literatura, moda, comportamento) e em uma relação, mesmo que assimétrica, de *intercâmbio cultural*.

Em ambos os países, foi justamente o desenvolvimento da imprensa durante esse período que alterou profundamente a relação da leitura e da escrita, assim como a percepção do mundo e de sua temporalidade. A leitura do jornal, esta “forma secular, paro o homem moderno, de oração matinal”, como disse Hegel (*apud* Marie-Ève Thérenty 2011, p. 1310) levou a uma dissociação da relação fortemente individualizada e interiorizada entre o leitor e o texto impresso, conforme ela se havia estabelecido século anterior, na França, e se estava estabelecendo cada vez mais, no Brasil, a partir do momento em que ele saiu de sua antiga condição colonial, nas primeiras décadas do XIX. No que concerne à dissociação entre leitura e prática individual, por exemplo, na França, a imagem da leitora do romance entregue à sua leitura, cena muitas vezes reproduzida pelos pintores europeus do século XVIII, foi sendo substituída por aquela dos leitores dos jornais, que se mantêm mais descolados dentro dessa relação entre o texto e o indivíduo; no Brasil, ao longo do XIX, essas práticas que nascem juntas, crescem paralelas e representam-se lado a lado, nos romances, por exemplo, e também nas pinturas. No caso dos jornais, os leitores participam, todos ao mesmo tempo, de um ritual que corresponde à tomada simultânea de conhecimento das notícias do dia; esse rito coletivo que dá ilusão de uma apreensão global da atualidade, e reforça as ligações sociais: por muito tempo, a leitura do jornal, quando se trata de um quotidiano político, resta um negócio de burgueses afortunados de Paris, do Rio de Janeiro e de centros urbanos como esses. A isso, soma-se o fato de as técnicas de impressão se terem modernizado consideravelmente no século XIX, ocasião em que os jornais deixam o modo de produção artesanal para se tornarem na França (e se estruturarem no Brasil, uma vez que passam a existir a partir da década de 1820) indústrias com um peso importante na paisagem política e cultural da época. A Literatura e as Artes não poderiam mais contornar os jornais, uma vez que a imprensa se tornou o lugar privilegiado de veiculação das literaturas nacionais, ao mesmo tempo em que as propagandas feitas pelos anúncios, assim como e as críticas de teatro, arte e literatura, tornavam conhecidos do público os títulos disponíveis no mercado. Essa evolução não se fez sem choque. A “*littérature industrielle*” de que nos fala Sant-Beuve ou “*l’universel reportage*”, conforme foi denunciada por Mallarmé, sublinham os perigos de uma proximidade demasiado grande entre imprensa e literatura. No

entanto, como lembra Alain Vaillant, o jornal é, frequentemente, a única possibilidade para um escritor, e, na França, isso é ainda mais particular no caso de um poeta, na primeira metade do XIX, pois, enquanto o meio tradicional da edição tenta se recuperar da crise instaurada pela Revolução, resta ao bardo o meio impresso da efemeridade. No Brasil, evidentemente, o mercado livreiro estrutura-se ainda nessa época e, paralelas às primeiras edições em livro, que vão sendo pagas pelos próprios escritores, às vezes com algum subsídio, poetas e romancistas vão se envolvendo nas atividades da imprensa. Nos dois casos, resulta uma sujeição do homem de letras à máquina midiática, mas, paralelo a isso, surgem formas estilísticas que fundem em grade parte a modernidade do século: romances-folhetim, crônicas, pequenos poemas em prosa, entre outros, que nasceram do amálgama impuro e criativo entre escrita do jornal e da literatura.

As contribuições aqui reunidas são desenvolvimentos posteriores dos textos primeiramente apresentados em um colóquio franco-brasileiro, que teve como um dos objetivos principais organizar um encontro entre duas equipes de pesquisadores da imprensa e da literatura. Realizado no quadro do ano da França no Brasil, em agosto de 2009, o colóquio chamou-se “Colóquio Internacional Literaturas e Escritas da Imprensa, Brasil/França, 1800-1930” e aconteceu na Unesp, campus de São José do Rio Preto. Dentro desse primeiro encontro, vários textos trataram desses novos gêneros literários nascidos da era do jornal. O romance-folhetim apareceu de maneira quase simultânea na França e no Brasil, como nos mostrou Andre Caparelli, quando nos fala, entre outros textos, do romance de Balzac, *La vieille fille*, que inaugurou o gênero em *La Presse*, em 1836, e cujo modelo é retomado pelo *Jornal do Comércio*, já em 1838, com a publicação de *Le capitaine Paul* de Alexandre Dumas, assim como de *Edmond et sa cousine*, de Paul de Kock. Esse mesmo jornal publicou bem mais que uma centena de romances de autores franceses durante o XIX, entre eles, vários de Dumas pai, como *O Conde de Monte Cristo*, *O buraco do Inferno* e *Deus dispõe*. Os romances de Dumas fizeram um grande sucesso no Brasil, tal qual ocorrera na França, e Lúcia Granja sugere, ao pensar sobre o processo de transferência dos romances da França ao Brasil, que a ficção ali traduzida, com suas especificidades acrescentadas (personagens, cortes e inúmeras adaptações) ajudaram a configurar plasticamente e à brasileira os variados tipos de folhetim que compartilharam desse espaço do rodapé.

Mas o conteúdo do folhetim não é forçosamente romanesco. Na França e no Brasil, ele ocupa um espaço particular, no primeiro rodapé/bas-de-page dos quotidianos, e se consagra a outros temas da atualidade, como as artes e o espetáculo dos teatros. O que quer que tenha acontecido, restou sempre tributário das artes e da literatura. Como sublinha Jefferson Cano, o folhetim deve aparecer ao seu leitor como um texto diferenciado, um “território da imaginação e da inteligência”, opondo-se ao resto do jornal, que trata do comércio, das finanças e da política.

O romance-folhetim e a crônica são invenções francesas. Isso se deve sem dúvida ao fato de que a imprensa francesa é mais “literária” que a inglesa ou americana, mais cedo voltadas à entrevista e à reportagem, como lembra Marie-Ève Thérenty. Mas esse folhetim de importação francesa não tem unanimidade no Brasil e suscita às vezes reações de rejeição. Traduzido pela palavra “folhetim” em *O Despertador*, ele é em princípio qualificado como “grosseiro galicismo” pelo *Jornal do Comércio*, em 1839, o qual acaba por adotar o termo, lembrando com espirituosidade que “folhetim” vem de “folha”, como “espadin” de “espada”, e que a palavra está perfeitamente de acordo com o gênio da língua portuguesa, como relembra Cano. Depois dos anos 1850, são as crônicas que se instalam frequentemente no rodapé da imprensa brasileira, mas, consideradas como o café pequeno da literatura, as séries de crônicas/folhetins portam títulos voluntariamente modestos: “A pacotilha” em *O Correio Mercantil* do Rio de Janeiro; depois “Páginas menores”. Os autores destas crônicas e folhetins são os mais conhecidos escritores da época, Manuel Antonio de Almeida, Francisco Otaviano, José de Alencar Machado de Assis. Segundo Cano, essas colunas não são assinadas, ou melhor, eles não têm uma autoria, o que coloca o problema da legitimidade literária: eis porque a recolha de algumas dessas séries para publicação suscitou críticas de alguns homens de letras. Como qualificar de fato esse gênero híbrido que é a crônica, entre a escrita literária e a jornalística: trata-se de ficção próxima à da nova prosa de ficção, de *faits-divers*, de uma reflexão política ou do *déjà vu*? André Caparelli fez bem em lembrar que, no Brasil, como na França, o cronista inspira-se nas ideias do jornal para redigir seu texto. Segundo a tão precisa e conhecida metáfora que Machado de Assis criou em 1859, ele é o colibri que voa de flor em flor para recolher, em cada uma delas, o suco da atualidade: “O folhetinista, na sociedade, ocupa

o lugar de beija-flor na esfera vegetal; Salta, esvoaça, brinca, tremula, e paira espaneja - a sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas” (Machado de Assis 2009, p. 17). O mesmo se dá em relação às crônicas de Etienne de Jouy na *Gazette de France*, início do século XIX, estudadas por Lise Andries, e aquelas de Delphine de Girardin em *La Presse*, analisadas por Marie-Ève Thérénty. Fazendo com frequência o papel de contraponto crítico às notícias evocadas pelo restante do jornal, as crônicas têm, no entanto, uma dívida com a atualidade do instante que passa. Mesmo que operem a transformação daquilo que, para elas, é uma fonte de inspiração em arte poética, a questão de sua legitimidade literária se coloca novamente: como construir uma obra a partir de matéria efêmera? É importante acentuar, aliás, que Etienne de Jouy e Delphine de Girardin fazem de Paris o cenário quase que exclusivo de suas crônicas. Ora, a realidade das transformações urbanas, com seu imaginário e fantasias, constitui, juntamente com o desenvolvimento da imprensa, um dos aspectos da modernidade do século XIX, sendo a crônica o seu espelho. O lugar da capital, em particular, no discurso do jornal, quer seja o Rio ou Paris, é absolutamente central. Na França, por exemplo, a manchete do jornal chama-se “Premier-Paris”, distinguindo-se da rubrica da segunda página, “Nouvelles de l'étranger”. Onde fica o resto do país, suas cidades, o campo e a população? Colocando-nos novamente na perspectiva das trocas entre os dois países, é então compreensível que o poder de fascinação exercida por Paris, capital internacional das artes e da moda, se faça também através da crônica, que é a forma estilística da celebração. No Brasil, Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, e tantos outros, alardearam a dificuldade de passear pelas páginas do jornal, andar pelas ruas do Rio, especialmente a do Ouvidor, e construir, sob o ritmo do relógio, um texto coerente sobre a semana, ao final das contas.

A propósito dessas comparações entre França e Brasil, é preciso que nos lembremos, como faz Gilberto Pinheiro Passos, da extensão da galomania na corte imperial e entre as elites brasileiras do XIX. O prestígio de Paris era imenso, mesmo exacerbado na época das exposições universais do fim do século. Língua, literatura fim-de-século, a filosofia de Auguste Comte, tudo era pretexto para “afrancesar-se”, até mesmo na arquitetura e na culinária. As butikues elegantes da Rua do Ouvidor vendiam os objetos luxuosos vindos da França. Mesmo que Machado de Assis

tenha, em algum momento, falado de uma “convivência perniciosa com os romances franceses”, no que se refere aos homens de letras brasileiros, essa advertência não parece ter reverberado. É por isso que as obras francesas e as traduzidas do francês são maioria nos gabinetes de leitura do Rio de Janeiro e de São Paulo, nas bibliotecas públicas e nas privadas, como acentua Kátia Aily Franco Camargo, por sua vez, analisando o fenômeno em bibliotecas da Bahia e de Minas Gerais, e observando que a *Revue des Deux Mondes*, leitura favorita do Imperador Pedro II, foi, no século XIX, uma das mais consultados no Brasil; alguns de seus artigos, principalmente os que concernem ao Brasil, são objeto de textos críticos em jornais do Rio de Janeiro.

Depois de nos termos concentrado na crônica e no romance-folhetim, em uma perspectiva comparada, expandimos, a seguir, as pesquisas em direção a considerações mais teóricas. A questão era saber como foram desenvolvidos, na França e no Brasil, elementos de uma nova poética e as novas práticas literárias nascidas nos jornais. Outros gêneros jornalísticos foram então estudados, tais como o “retrato na imprensa”, abundantemente praticado por Emile Zola (Adeline Wrona), a rubrica do *faits-divers* e seus vínculos com o romance (Valéria Guimarães e Dominique Kalifa), os anúncios de livros para o povo nos jornais (Alessandra El Far) e a imprensa anarquista (Vera Maria Chalmers). O interesse era o de colocar essa poética variada em uma cronologia precisa, demonstrando uma imprensa em constante evolução. Afastando-se de fato dos modelos retóricos e literários do século precedente, a imprensa do século XIX diversifica-se em função de seu público e, sobretudo, passa a dar mais importância ao evento e à atualidade: a imprensa predominantemente política e literária do início do XIX, destinada a um público limitado, tornou-se uma mídia de informação de grande tiragem, seguindo o modelo das imprensas britânica e americana. Já no final do século XIX, deu-se espaço para a reportagem e as entrevistas: o estudo de Dominique Kalifa sobre a relação entre reportagens, séries de crimes e romances de *bas-fonds* em 1928-1930 confirma o papel essencial do repórter na hierarquia da profissão de jornalista. No Brasil, quer nos romances populares com títulos sugestivos, *Mãe e Mártir*, *O Aborto*, *Elzira*, *A morta virgem*, como os estudados por Alessandra El Far, quer nas ilustrações de Voltolino que acompanham os artigos sobre os estragos das drogas em “A semana gaiata” (Valéria Gui-

marães), o *faits-divers* passou a ocupar um lugar considerável nos jornais do final do século, quando a imprensa se tornou um meio de massa. Há então um “*sensationnalisme du cours du monde*” (Lyon-Caen 2011, p. 51), cujos efeitos são medidos não só em jornais, mas também na literatura da época. Este é também o momento em que as grandes metrópoles estão se desenvolvendo e, junto com elas, os medos que geram as grandes cidades. Valéria Guimarães mostra ainda a ligação entre o imaginário do *bas-fonds* presente nos artigos, com os romances e as ilustrações, especialmente n’A *Gazeta*, além das campanhas feitas pelo governo, contra a prostituição, alcoolismo ou drogas. Todo esse sensacionalismo não fica sem efeito sobre a produção literária, pois traz para ela rendimento, em romances ou na poesia, que já era mais permeável à atualidade da notícia naquele momento. Além disso, a predominância de jornais na circulação impressa, e o fato de que muitas obras aparecem primeiro nos jornais antes de saírem como obras autônomas, leva a mudanças na própria escrita dos textos. Por um lado, a periodicidade da imprensa introduziu uma nova temporalidade na criação literária e levou muitos escritores a publicar as suas obras como uma série ou ciclos, à imagem do romance-folhetim. Citamos, como exemplo, a *Comédie Humaine* de Balzac e, mais tarde, de Zola, os *Rougon-Macquart*, ou as séries de romances de crime que constituem *Rocambole* ou *Fantômas* (Thérenty 2011, pp. 1515-1518).

Paralelamente a tudo isso, o curso dos acontecimentos, sujeito ao ritmo diário das notícias, incentiva o desenvolvimento de uma estética da forma breve. Como as seções de jornais construídas de forma justaposta e descontínua, vemos se multiplicarem no século XIX as obras em patchwork e as coletâneas. Isto é especialmente verdadeiro para a poesia francesa, como enfatizam aqui Corinne Saminadayar-Perrin e Alain Vaillant. Os poemas em prosa de Baudelaire são um bom exemplo e colocam claramente a questão da influência do substrato para definir o estado das obras. Considerado no espaço da coletânea intitulada *Le Spleen de Paris*, e publicado postumamente em 1869, são formas poéticas novas, que reivindicam a modernidade. Mas colocados separadamente em espaço do jornal, como o foram originalmente, os poemas em prosa de Baudelaire introduzem outros modos de leitura e parecem ser textos de outra natureza. Nesse caso, eles têm ligações com crônica parisiense, o *faits-divers* e a anedota, além de participarem da polifonia da escrita jornalística. O espaço do jor-

nal leva, de fato, um texto literário a mutações genéticas: mesmo que não sofra modificações, ele se torna outro quando é publicado em um jornal, por causa da proximidade de outros textos, e até mesmo a indefinição de fronteiras entre o que é literário e o que não é. A questão da legitimidade literária desses textos híbridos se coloca, então, como já observamos, também a propósito da crônica.

Para Alain Vaillant, novos modelos poéticos se elaboraram durante o século XIX. A crise da edição poética que se produziu nos anos 1820 na França obrigou os poetas a publicarem suas obras nos jornais, ou mesmo em pequenas revistas de vanguarda. Mais da metade dos poemas de *Les Fleurs du Mal*, por exemplo, foram publicados separadamente na imprensa. Resultam daí novas práticas de escrita. A poesia, nesse caso, tornou-se mais sensível à imagem de um mundo fragmentado, de um mundo no qual a atualidade fala do brilho efêmero das coisas. Os efeitos de ótica e o desenrolar das imagens, vistos pelo prisma de uma lanterna mágica, estão muito ligados a uma poética do tempo, à medida que falam do fatiamento do mundo e de suas mudanças rápidas. Da estética da forma breve ao hermetismo de Mallarmé, que aparece como uma recusa à “falação” midiática, a literatura do século XIX se define principalmente em relação à escrita do jornal.

Mas a imprensa também está envolvida nas mudanças culturais e políticas que acompanharam a democratização das sociedades europeia e americana. O jornal contribui, de fato, como observa Guillaume Pinson, com a invenção de novas formas de sociabilidades, graças ao alargamento das redes de propagação da informação. O amplo acesso à informação não exclui a construção, em paralelo, de todo um imaginário no jornal, no qual estão lado a lado os espaços públicos e privados numa troca incessante de reflexos. É o jornal, e, especificamente a crônica, que faz da cidade um lugar mítico com seus espaços semiprivados como os salões e os clubes e seus espaços públicos, como os cafés, as ruas e os bulevares. Há todo um jogo que se instaura da imprensa ao romance, da crônica mundana à literatura (ver obra de Marcel Proust), a fim de que o leitor seja atraído para a miragem de uma falsa confidência, que ele pensa ser só é a ele dirigida, mas que diz respeito à multiplicidade práticas sociais. Contrariamente aos círculos e salões mundanos que funcionam sob o regime do “quanto a si”, a imprensa escancara as portas de mundos fechados e,

ao fazê-lo, institui condições favoráveis ao debate democrático. Os jornais quotidianos são o lugar do debate político, que deixa o círculo restrito das assembleias parlamentares. É preciso, no entanto, acentuar, como faz Cathérine Nesci, que o jornal, instância mediadora entre os membros da sociedade civil, distancia por muito tempo as mulheres desse modo de comunicação. É exemplar que Emile de Girardin se encarregasse da redação do “Premier-Paris”, o editorial político, enquanto a sua esposa, Delphine de Girardin, era a responsável pela crônica do rodapé, mais leve e divertida, que se dirigia ao público feminino. Mesmo na França, as mulheres jornalistas do século XIX não são muitas e, em geral, ficam confinadas no espaço que lhes é atribuído: a moda, a educação das crianças, os assuntos frívolos. Desde que uma mulher escrevesse sobre temas políticos ou polémicos, como Georg Sand, ela se aventurava em um domínio reservado e cometia um ato quase subversivo.

No século XIX, a imprensa substitui e revoluciona os antigos modos de comunicação, tais como a cultural epistolar e a circulação da palavra. Ela elabora novos ritos, novas fantasias, em particular os de um jornalismo onisciente, capaz de revelar a face escondida do mundo. Tudo isso tem incidências não somente na escrita do jornal, mas no romance e a poesia. As interações entre imprensa e literatura são múltiplas no século XIX e se efetuam segundo modalidades diversas: 1) os jornais nutrem a matéria romanesca e fornecem cenários e personagens (a sala de redação de um grande jornal assemelha-se às coxias de um teatro); 2) vários tipos de obras literárias aparecem nos jornais antes de serem publicadas de maneira autônoma, e passam por transformações genéricas de um a outro veículo. É o caso dos romances publicados primeiramente em folhetim, assim como de um grande número de obras poéticas. É preciso, enfim, sublinhar uma mutação importante dos circuitos econômicos da criação cultural no século XIX: o velho sistema do mecenato e a proteção real desmoronam na França no final do século XVIII. Ora, a imprensa que está em pleno alçar voo era grande consumidora de textos e se tornou meio de subsistência para os homens e as mulheres das letras. Uma vez instalada no Brasil, o processo deu-se de maneira semelhante. É porque muitos homens de letras, de Baudelaire a Machado de Assis, tocam a “vida dupla” de jornalistas e escritores, queixando-se todo o tempo da escravidão que podia representar a obrigação de entregar regularmente uma página de